

Sol e trevas: histórias sociais da tuberculose brasileira

Sun and shadows: social histories of Brazilian tuberculosis

Tania Maria Fernandes

Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz
taniaf@coc.fiocruz.br



Cláudio Bertolli Filho
História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950
Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001, 248p.

A *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950*, de Claudio Bertolli, é uma obra instigante e inovadora. Originou-se na tese de doutorado defendida pelo autor na Universidade de São Paulo, em 1992, configurando publicação de interesse não só para profissionais das áreas de antropologia e história, como dos que se relacionam com estudos biomédicos e do público em geral.

Analisando a tuberculose no Brasil até meados do século XX, o autor mescla trajetórias institucionais, envolvendo a atuação do Estado, da filantropia e de órgãos privados. Tece uma significativa apreciação sobre o preconceito construído em torno da doença e demonstra como o medo de adoecer gerou trajetórias próprias de uma época, quando a tuberculose aterrorizava, mutilava e matava grande parcela da população acometida. Ao mesmo tempo, observa os meandros entre a sensibilidade de uns, os interesses de outros e a indiferença de muitos. Ao lado de trabalhos recentes acerca da história da tuberculose — como os desenvolvidos por Ângela Pôrto e Dilene Raimundo do Nascimento¹ —, assim como o acervo de depoimentos orais, construído pela Casa de Oswaldo Cruz², Bertolli vem também trazer à luz problemáticas extremamente atuais, quando a tuberculose recrudescer, associada principalmente à Aids.

O trabalho trafega pelos 'enigmas' da doença, apreciando as mudanças de concepções, contrapondo o modelo que a apresenta como fenômeno biológico àquele que a relaciona a uma gama mais ampla de aspectos e considerando, sobretudo, as diferentes versões e possibilidades que colocam no âmbito do social a causalidade da doença. Esta se constitui historicamente

¹ Refiro-me às seguintes teses de doutoramento: D. R. Nascimento, *Da indiferença do poder a uma vida diferente: tuberculose e Aids no Brasil*, apresentada à UFF, 1999; A. Pôrto, *A vida inteira que podia ter sido e que não foi: a trajetória de um poeta tísico*, tese apresentada ao IMS/Uerj, 1997.

² T. M. Fernandes (coord.), *Memória da tuberculose: acervo de depoimentos orais*, Rio de Janeiro, Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz; Fundação Nacional de Saúde/ Centro de Referência Prof. Hélio Fraga, Coordenação Nacional de Pneumologia Sanitária, 1993.

como uma enfermidade singular, uma vez que congrega em sua trajetória, além de variados modelos explicativos para a doença, inúmeras propostas de tratamento, amplas discussões acerca de um possível conteúdo educativo e regulador e a criação de instituições próprias, balizadas por estas diferenciadas orientações.

A *História social da tuberculose e do tuberculoso* é apresentada em duas partes, divididas em cinco capítulos cada. Na primeira, 'Idéias e controvérsias', o autor busca oferecer ao leitor o arcabouço elaborado para o entendimento da tuberculose como questão social, que tomaria corpo no século XX. Apresenta-nos as organizações institucionais e algumas das intervenções oficiais, destacando as propostas implementadas no estado de São Paulo em particular, onde se observam projetos específicos. Aponta, ainda nesta primeira parte, as discordâncias entre os médicos acerca da concepção da doença e das terapêuticas específicas. Na segunda parte, 'Personagens e cenários', o autor mergulha no 'espaço social' do doente, produzindo uma leitura sobre o processo de exclusão social do tuberculoso, encarcerado nos sanatórios e hotéis para doentes, construídos em cidades esquadrihadas para esses enfermos.

A proposta de construção dessa história social da tuberculose e de seu doente — o que assegura o caráter inovador da obra — torna-se possível a partir da diversidade de ângulos de observação e do uso de diferentes fontes com as quais o autor estabelece amplo diálogo, colocando pacientes, médicos (alguns deles também pacientes), literatos e artistas como protagonistas da história. Os prontuários médicos minuciosamente observados e as obras literárias analisadas com profundidade permitiram que Bertolli formulasse um questionamento inédito do problema.

No Brasil do início do século XX, período em que o Bertolli Filho começa a aprofundar seu estudo, a doença representava um problema gravíssimo, destacando-se nas estatísticas e sendo superada somente pela varíola em seus episódios epidêmicos. A morte era quase certa e os serviços de saúde, praticamente inexistentes.

A climatoterapia, assumida como terapêutica específica até o início dos anos 1930, foi indicada mundialmente. E várias cidades, verdadeiras 'tisiópolis', foram criadas para abrigar os doentes, como é o caso, no Brasil, de Campos do Jordão e São José dos Campos, espaços privilegiados para o estudo de Bertolli. Histórias muito singulares podem ser ouvidas de dentro desses espaços, onde médicos e doentes trocavam seus bacilos, suas angústias e entrelaçavam suas vidas e suas mortes. A convivência com a doença também na condição de pacientes levou vários médicos, como observa o autor, a se especializarem, podendo ser ouvidas afirmativas enfáticas. Como a do médico José Silveira, em narrativa para um estudo formulado pela Casa de Oswaldo Cruz sobre o tema, de que "só era especialista em tuberculose quem tinha sido tuberculoso".³ Nesse sentido, na Faculdade de Medicina de Minas Gerais, estudantes tuberculosos compunham turmas específicas, capacitando-se profissionalmente e relacionando especialização com

³ Silveira J., fita 2, lado A, em T. M. Fernandes, op. cit.

a cura de sua tuberculose. Foi o que ocorreu com Raphael de Paula Souza, médico fisiologista citado por Bertolli, que se empenhou durante toda a vida na luta antituberculosa, iniciando sua trajetória profissional nos sanatórios de Campos do Jordão.

Os sanatórios e os hospitais das 'tisiópolis', que associavam a idéia do clima específico e o isolamento do paciente com repouso e boa alimentação, encabeçaram a luta contra a tuberculose durante as primeiras décadas do século XX. A indicação do isolamento trazia incorporado o preconceito diante da enfermidade, constituindo os sanatórios como espaços onde o paciente podia ser retirado da sociedade ou mesmo 'escondido' dela.

Essas primeiras décadas são minuciosamente retratadas por Bertolli, por meio da análise da atuação de alguns desses nosocômios localizados em São Paulo. Destacou o Sanatório São Luiz Gonzaga, conhecido como Jaçanã, e o conjunto denominado 'sanatorinhos', da Associação de Sanatórios Populares, cuja criação polêmica foi encabeçada por Raphael de Paula Souza. As desavenças criadas por essa proposta de assistência às populações mais pobres, como coloca o autor (p. 96), provocou inclusive mobilização de cunho político, sustentada nas orientações do governo varguista, que identificavam este como um movimento de esquerda (e certamente não estavam de todo equivocados).

Bertolli aprecia ainda as mudanças que impulsionaram a reforma dos Serviços de Higiene Pública do Estado de São Paulo, observando particularmente, nesse momento, a atuação de Adhemar de Barros. Como interventor do estado, Adhemar direcionou as parcas ações de controle da doença para interesses políticos particulares, como afirma o autor (p. 78).

Ao se deter na década de 1930 e 1940, o estudo é primoroso, especialmente quando lança seu olhar para os serviços de saúde a partir da apreciação de prontuários médicos. Para o autor, o conteúdo desses prontuários deixa a impressão de que os médicos esforçavam-se, antes de mais nada, para descobrir os grandes mistérios da existência física. Esses mistérios permitiam ao médico criar perfis específicos dos doentes, apregoando-lhes características como promiscuidade, aberrações e hábitos revolucionários, diante dos quais a 'conversão moral' do doente era colocada como uma prescrição de intervenção reeducadora, de competência do médico. Enquanto este construía a justificativa para a sua atuação, os pacientes compunham para si 'histórias sanitárias individuais', em que ações do cotidiano, em geral relacionadas ao aparelho respiratório, eram culpabilizadas pela tuberculose (p. 195).

As diferentes leituras observadas nas linhas e entrelinhas dos prontuários médicos dão singularidade a esses documentos, traduzindo-se como interpretações riquíssimas do mundo profissional e social embebidas no preconceito que se engendrou sobre a doença naqueles tempos. O ambiente sanatorial é visitado por Bertolli a partir desses documentos que constroem personagens diante do olhar médico, nos quais a vida do paciente é revirada e caracterizada, envolvendo família, amigos (ou a falta deles), como ponto de análise e composição da anamnese.

Atento aos debates em torno do uso da documentação nosocomial, Bertolli investe em uma análise sensível de conteúdo, observando os

meandros da narrativa do doente e a criação interpretativa do médico com relação a tais narrativas. O autor dá nova luz a esses documentos e possibilita atualizar as discussões metodológicas acerca desse tipo de fonte.

A vasta literatura e a produção artística analisadas trazem, igualmente, novidade ao estudo, permitindo a apreciação de personagens que desnudam a tísica, alguns a partir da própria experiência como escritores e artistas doentes. Acompanhando a presença da enfermidade na literatura, o autor, por meio das diferentes formas de inclusão do tema em momentos diversificados, estabelece relação com as variadas concepções da doença e seus determinantes.

Bertolli aponta, dessa forma, que em fins do século XVIII e início do XIX a tuberculose era vista como doença romântica que aguçava a sensibilidade, o requinte e a delicadeza de personagens figurativos e engrandecia a obra artística, valorizando os sentimentos dos que a carregavam em seus corpos. Ignorava-se sua presença nos cortiços, entre operários. Enfim era relacionada aos sensíveis e capazes de grandes paixões, que não figuravam certamente entre os pobres. Para as artes, era o tempo da doença ‘mítica e individual’ dos ricos, ao menos de espírito, segundo o pensamento da época. A visão posterior, bacteriologizante, das doenças, associada à perspectiva de padrões diferenciados de saúde, com exaltação do corpo saudável, ressaltou a tuberculose da classe operária e dos pobres. Passou a ser então ocultada entre as classes abastadas, que começaram, também a partir de meados do século XIX, a exibir um corpo abastado e, portanto, supostamente livre da ‘peste branca’. A literatura, nesse contexto, tratou de construir uma tuberculose típica das classes populares, relacionando-a também às paixões, porém localizando seus personagens nos hospitais e sanatórios pobres, em uma aproximação da doença às classes sociais mais baixas, indicando-se a pobreza como determinante direto da tísica.

Nesse sentido, a fala de Nelson Rodrigues, também ex-tuberculoso, é realçada por Bertolli quando o dramaturgo expõe sua própria doença relacionando sua causa à fome, entendendo por esta “a soma de todas as privações e renúncias” por que passou. Na publicação *Memórias*⁴, como destaca Bertolli (p. 197), Nelson Rodrigues diz: “Não tinha roupa, ou só tinha um terno; não tinha meias e só um par de sapatos; trabalhava demais e quase não dormia; e, quantas vezes, almocei uma média e não jantei nada? Tudo isso era a minha fome e tudo isso foi a minha tuberculose.”

O mergulho em *Floradas na serra*⁵, de autoria de Dinah Silveira de Queiroz, livro em que a autora transforma personagens fictícios em verdadeiros espelhos da tuberculose, favoreceu a construção de uma possível leitura da ‘psicologia do tuberculoso’, traduzida por Bertolli ao longo da análise do romance (p. 204-6).

Impossível é retratar toda a tessitura complexa e atraente de *História social da tuberculose e do tuberculoso* concebida por Claudio Bertolli, que nos permite de forma ampla passear no mundo do pensamento social da doença, por meio de personagens construídos não só pela literatura como pela própria prática médica. A análise dos prontuários nos aponta

⁴Nelson F. Rodrigues, *Memórias*, Rio de Janeiro, Correio da Manhã, 1967.

⁵Dinah Silveira de Queiroz, *Floradas na serra*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939

para um cotidiano médico que ergue o seu campo de intervenção pela conformação de seu próprio paciente, concentrando neste, além dos conhecimentos médicos, a visão socialmente elaborada da doença.

Ao terminar a leitura do livro, tive a agradável sensação de ter caminhado por algo inovador, associando este sentimento à curiosidade com o que ainda pode ser feito. Bertolli descortina uma problemática densa, sem nos levar à exaustão, antes abrindo a possibilidade do estabelecimento de novos diálogos com vozes que aproximam passado e presente por meio de um processo de investigação propiciado por uma documentação viva. As vozes dos pacientes e de outros personagens dessa história poderão, seguindo estes passos, ser escutadas com a grandeza que a metodologia da história oral hoje nos permite. Possibilitam um redimensionamento da experiência vivenciada pelo próprio narrador ao caminhar pelas entranhas da memória, tendo como parceiro o pesquisador, que detém o conhecimento do 'em torno' da vida do próprio personagem.

